

EXTENSÃO E *(trans) formação*

III COLETÂNEA DE DEPOIMENTOS DE DISCENTES EXTENSIONISTAS DA UFF



EXTENSÃO E
(trans)formação

III COLETÂNEA DE DEPOIMENTOS DE DISCENTES EXTENSIONISTAS DA UFF

Niterói 2023

Universidade Federal Fluminense

Rua Miguel de Frias, nº 9 - 24220-008 - Icaraí - Niterói, RJ

Reitor

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

Vice-reitor

Fabio Barboza Passos

Pró-Reitoria de Extensão - Proex

Leila Gatti Sobreiro

Coordenação de Divulgação e Difusão - CDD/EX

Lucíola Rangel de Luca

Coordenação de Integração Acadêmica - CIAC/EX

André Augusto Brandão

Coordenação de Registro, Bolsas e Auxílios - CRBA/EX

Selma Rodrigues de Castilho

Coordenação de Edição

Lucíola Rangel de Luca

Tatiana Ferreira da C. e Silva

Diagramação e Arte da Capa

Bárbara da Paz F. Santos

Redação dos depoimentos

Paulo Jackson Gomes de Souza

Verônica Aparecida Ferrari Fumian

Sara Luiza Ramos Faria

Lorena Santos Pellegrini Pacheco

Shakira da Costa Neves

Ariel Azevedo Fontes

Adriely Gonçalves de Almeida

Debora Clemente Sodré

Roberto Petrucci Junior

Renan Silva Gomes

Luana Gomes da Silva Ribeiro

Gabriel Malta

Juliana de Oliveira Nunes da Silva

Sarah de Couto Monteiro Pacheco

Bruno Stael de Moura Silveira

Licya dos Santos Rios

Revisão de Textos

Tatiana Ferreira da C. e Silva

Helena de Aquino F. Almeida Souza

Santhyago Camello

Revisão Final

Santhyago Camello

Os textos desta coletânea foram revisados preservando-se ao máximo a redação original dos depoimentos.

Copyright by Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal Fluminense. Todos os direitos são reservados à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal Fluminense. Qualquer parte desta obra poderá ser reproduzida desde que citada a fonte.

E96 Extensão e (trans)formação: 3. coletânea de depoimentos de discentes extensionistas da UFF [Recurso eletrônico] / Pró-Reitoria de Extensão. Universidade Federal Fluminense. -- Niterói : Universidade Federal Fluminense, 2023. 50 p.

Publicação online.

1. Extensão Universitária. 2. Depoimentos. 3. Coletânea. 4. Universidade Federal Fluminense. I. Universidade Federal Fluminense. Pró-Reitoria de Extensão.

CDD 23.ed. – 056

Sumário

- 6 A extensão como agente de (trans)formação social: um privilégio para o discente!
- 8 A metamorfose da práxis científica: a ação extensionista como experiência transformadora
- 11 Temos limites para o conhecimento?
- 14 A extensão como oportunidade de voz dentro da academia
- 16 Oficinas e oralituras populares: pensando o direito à cidade com as infâncias em ocupações urbanas
- 19 Infâncias Campistas: Escutar para (re)elaborar
- 22 Os frutos da extensão
- 25 O poder da ação extensionista na formação do universitário
- 27 A importância das ações extensionistas
- 29 A extensão universitária como lucro à sociedade
- 32 Extensão em favela: entre o estigma e a resistência
- 34 DescartUFF presente: população consciente!
- 37 O papel da extensão na formação ética de uma clínica letrada - experiência de atuação no Centro de Cidadania LGBTQIAP+
- 40 Cuidados a pessoa com doença de Alzheimer – Blog Interativo e seus impactos para formação e a comunidade
- 43 Relato de experiência do projeto “Prevalência das lesões orais em idosos atendidos no serviço Casa dos Pobres São Vicente de Paulo de Nova Friburgo”
- 45 Café com RH e a promoção de qualidade de vida no trabalho através do diálogo
- 48 Histórias de mulheres que traduzem

A extensão como agente de (trans)formação social: um privilégio para o discente!

Lucíola de Luca

Um dos propósitos da extensão universitária é atuar como agente de transformação social por meio de ações planejadas e desenvolvidas com base nas demandas da comunidade. Neste processo, os projetos extensionistas aproximam a universidade da sociedade, promovem a interação entre a teoria e a prática, enquanto inserem o estudante na realidade social. Assim, se por um lado as ações extensionistas democratizam o conhecimento, por outro proporcionam ao discente uma vivência inigualável. Isto ocorre porque as atividades propostas nas ações de extensão promovem a prática profissional em campo, e estimulam o aprimoramento do desempenho estudantil diante de uma realidade que extrapola os conhecimentos adquiridos em sala de aula. As ações extensionistas, invariavelmente, integram conhecimentos diversos, promovendo uma relação saudável, criativa e produtiva entre estudantes de variados períodos do curso, docentes, servidores técnico-administrativos, diferentes cursos, e até diferentes instituições. Há que se ter conhecimento técnico-científico e estratégias bem definidas, mas também criatividade, bom senso, tomada de decisão, flexibilidade, e uma infinidade de outras habilidades que enriquecem a formação profissional na trajetória acadêmica.

A extensão, como parte fundamental do processo de ensino-aprendizagem, de forma dinâmica, integrada e reflexiva, amplia horizontes, propicia o conhecimento interdisciplinar e desperta o interesse pelos aprendizados relacionados. As atividades extensionistas possibilitam uma imersão na realidade, com melhor compreensão dos problemas e dos desafios para solucioná-los. Um privilégio para o discente! Asas para voar, zona de conforto, experiências vividas, desafios, compartilhamento, espírito de liderança, confiança, autonomia, valores éticos, espírito crítico, exercício de ouvir, clareza da diversidade, empatia, respeito, fonte de inspiração: são algumas das expressões e palavras que estão presentes na III Coletânea de Depoi-

mentos de Discentes Extensionistas da UFF, e que traduzem não só o propósito e espírito da extensão, mas também a repercussão do fazer extensionista para quem a pratica.

Aos discentes, todo o meu respeito e admiração pela coragem e esforço de ir além: aprendendo, ensinando e transformando!

Lucíola de Luca é Coordenadora de Divulgação e Difusão da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal Fluminense.

A metamorfose da práxis científica: a ação extensionista como experiência transformadora

Paulo Jackson Gomes de Souza

O seguinte depoimento busca, tanto a partir dos objetivos em que se inscreve relatar as experiências vividas na ação extensionista como, no breve espaço que se delinea, abordar a metamorfose inevitável da práxis científica, ela mesma consequência da experiência intersubjetiva do graduando que aqui a relata. Antes de dar início ao depoimento, é necessário informar sobre o projeto do qual faço parte e a que, dessa maneira, as experiências descritas aqui se referem.

O “Grupo de estudos e pesquisa em migrações no Instagram: divulgando informações sobre migrações e migrantes na sociedade atual (GEPMIG)” tem como proposta ser um espaço de divulgação científica sobre o fenômeno migratório e as questões próprias que lhe constituem e atravessam, como cultura, xenofobia, racismo, gênero, políticas migratórias, etc.

Isto posto, começo este relato versando sobre um dos desafios vivenciados no projeto relacionado ao fazer divulgação científica: a problemática da ruptura com a linguagem acadêmica. Em sua definição, a divulgação científica implica obrigatoriamente na produção e compartilhamento de conteúdos de determinado campo científico em uma linguagem acessível para públicos variados, que se encontrem também fora da comunidade acadêmica.

Em um primeiro momento, pode parecer algo relativamente simples; no entanto, tornar conteúdos científicos acessíveis para diferentes públicos significa operar uma conversão de linguagem onde o que se coloca é um rompimento com o ethos científico, o que torna essa operação complicada. Todavia, observo que os resultados são importantes no que concerne à identificação daquilo que pode ser revisto e modificado nas publicações produzidas, auxiliando assim na reflexão e elaboração de novos caminhos para se aproximar da comunidade para além dos muros acadêmicos.

Dessa maneira, a experiência a longo prazo não encerra o desafio de tornar o conhecimento científico acessível, mas o saber-fazer da experiência

adquirida com o processo certamente o torna cada vez menos difícil pela competência gerada. No caso das publicações do GEPMIG, os resultados destas nos ajudam a orientar as práticas ulteriores. À vista disso, o que observo e reflito sobre minha experiência é que ela se inscreve em um verdadeiro processo contínuo de ensino-aprendizagem.

O fazer divulgação científica exige do sujeito-divulgador uma versatilidade metódica que é, ela mesma, muitas vezes enrijecida academicamente e limitada dentro dos padrões formais convencionados. Essa versatilidade metódica exigida não prescinde da vivência dos desafios do fazer divulgação científica, e ela não se coloca em uma dicotomia prática e teórica, sendo até possível saber a priori que tal versatilidade é necessária; não podendo, no entanto, o sujeito-divulgador compreender suas demandas específicas; estas, ao contrário, postas somente no confronto direto com os desafios vivenciados durante a experiência.

Dessa forma, quando a normatividade acadêmica se dissolve frente a esses novos desafios é que os questionamentos surgem e se colocam as demandas. Quando digo que a normatividade acadêmica se dissolve, ou que precisamos romper com o ethos científico, não significa deixar de lado a cientificidade necessária para tratar do saber divulgado, mas apenas que a cumplicidade com a restrição do conhecimento a certos grupos na sociedade, da qual o campo científico tem sido historicamente lugar, cede aqui aos princípios de conhecimento acessível intrínsecos à divulgação científica.

Sendo assim, faz-se necessária a adequação do formato das publicações às dinâmicas do(s) público(s) e das próprias opções da plataforma utilizada, o cuidado com o que é divulgado, tanto pela abordagem como pela responsabilidade conceitual e ética daquilo que se aborda, assim como o trabalho de comunicação com o público e a promoção do conteúdo. Quanto a este último aspecto dialógico, algumas pessoas me relataram pessoalmente seus feedbacks sobre os vídeos e as postagens realizadas no GEPIMIG, e demonstraram-se perplexas por conhecer pautas relacionadas às migrações que antes não sabiam ou mesmo tinham visto nos noticiários.

Todo esse processo vem se estabelecendo como fundamental em minha formação: o aprofundamento do conhecimento sobre as questões trabalhadas, a prática da pesquisa, as trocas interdisciplinares das quais o pro-

jeto se beneficia e conseqüentemente amplia o horizonte de interesses e possibilidades. Daí que, por mais que as normas para este depoimento sejam voltadas para o relato subjetivo do extensionista, o presente se trata, na verdade, de um depoimento da experiência compartilhada que não se individualiza em um subjetivismo ilusório. Ao contrário, insere-se na intersubjetividade que lhe é própria, com a coordenadora e orientadora, com os membros e entre os membros do projeto, com a comunidade e para a comunidade. Descrevo e finalizo, assim, o depoimento da metamorfose inevitável de minha experiência extensionista intersubjetiva.

Paulo Jackson Gomes de Souza é extensionista da ação de extensão “Grupo de estudos e pesquisa em migrações no Instagram: divulgando informações sobre migrações e migrantes na sociedade atual”, coordenada pela professora Gisele Maria Ribeiro de Almeida

Temos limites para o conhecimento?

Verônica Aparecida Ferrari Fumian

Destacar-se e fazer válida uma informação na geração dos “millennials” se tornou um desafio com toda a facilidade e banalidade com que nos comunicamos. A chegada da era digital e o novo mundo, pós-pandêmico, trouxeram significativas mudanças na forma como nos comunicamos e como processamos a relevância de algumas informações. As principais, sejam elas referentes a lazer, trabalho ou estudos, são entregues através dos canais digitais, entre eles as redes sociais.

O projeto extensionista “Pega Visão” nasceu em 2021 em meio ao estado de emergência em saúde mundial, e já se pretendia que ele fosse revolucionário no novo cenário mundial que estava por vir, surgindo para acompanhar uma nova proposta e levar a universidade ao novo mundo. Somos um perfil no Instagram com 760 seguidores que se compromete com a divulgação científica ética e de qualidade; contamos com uma equipe de cerca de 20 pessoas que se dedicam a pesquisar e desmembrar assuntos relacionados ao sistema visual ou à universidade e apresentá-los de forma simples através de posts. Para a confecção desses posts, nós contamos também com uma plataforma de edição online chamada CANVA e um planejamento de ideias, datas e direcionamentos para os conteúdos com reuniões semanais e grupos de trabalho pré-definidos.

Nossos posts alcançam um público de homens e mulheres ao redor do Brasil, principalmente nos entornos da Universidade. A maioria deles se encaixa na faixa etária mais jovem, mais dependente de tecnologia e mais atenta a ela, que é justamente o público que procuramos. Os posts, apesar de simples, têm um engajamento de cerca de 129% em relação ao nosso número de seguidores, alcançando ainda mais do que talvez fosse possível com projetos presenciais.

As publicações se atentam a sempre buscar informações que conversem com os temas cotidianos, além de mostrar a importância da universidade e

da pesquisa para todos, através de uma página pública e de acesso livre que possibilita a democratização do espaço virtual do Instagram, que também tem um viés de e-commerce e ensino muito forte.

Sou bolsista desde que o projeto começou a entrar em prática, e é muito satisfatório perceber todas as mudanças que ocorreram desde então. Nós éramos um grupo restrito de um nicho na universidade, que aos poucos foi abrindo portas para novos integrantes, novos cursos e novos assuntos acadêmicos, e hoje trabalhamos com a ideia de expansão da nossa divulgação além da internet como uma forma de provar que esta pode, sim, formar coisas reais e concretas, que vão longe e se transformam. Para o ano de 2023, nossa principal meta é transformar o “Pega Visão” em um evento presencial nas escolas públicas da rede municipal de Niterói/RJ, expandindo o conhecimento que já construímos para alunos e professores que talvez não tenham a disponibilidade de trabalhar com as redes sociais.

Destacando meu papel como bolsista, além de contribuir com os posts e ideias, assim como todos os membros, sou essencial no processo inicial da criação e execução dessas novas ideias, tais como levar o projeto ao nível presencial. No geral, sou responsável por publicar os posts nos dias estipulados, observar todas as interações com a página e resolver qualquer problema técnico que venha a acontecer. Sou também responsável por gerenciar e controlar os grupos de trabalho para que o cronograma seja seguido, assim como dou sugestões para que as ideias aconteçam. Participar desses processos me tornou uma aluna melhor, com maior planejamento, e também me deu maior espírito de liderança, com confiança para lidar com problemas.

O projeto nos faz sair da zona de conforto e entender que a universidade pública é justamente sobre isso: produzir conhecimento e expandi-lo de forma democrática, mesmo que isso seja feito da forma mais simples possível, com um perfil em uma rede social.

Contudo, é de extrema complexidade retirar de algo simples o reconhecimento merecido, e este é o desafio que encontramos todos os dias: de fazer com que o projeto cresça e alcance cada vez mais pessoas com um conteúdo que seja sempre de qualidade e prático.

O “Pega Visão” se tornou um projeto lindo e durável em dois anos de execução, com potencial inovador imenso, que acolhe e insere pessoas na uni-

versidade; não só aquelas que consomem o conteúdo, mas as que estão por trás produzindo também! Preservá-lo significa preservar a essência da Universidade Pública.

Verônica Aparecida Ferrari Fumian é extensionista da ação de extensão “O Instagram como ferramenta de divulgação científica: uma estratégia de popularização do sistema visual”, coordenada pelo professor Rafael Brito da Silva.

A extensão como oportunidade de voz dentro da Academia

Sara Luiza Ramos Faria

A experiência que tive na extensão me fez ter um olhar diferente para a universidade, pois, ao entrar na instituição, tive dificuldades de inserção, mesmo sendo um curso noturno e que majoritariamente é ocupado por discentes trabalhadores. Desejava participar de algum trabalho de pesquisa que me permitisse vivenciar experiências novas, realizar uma troca de saberes, me desse asas para voar e construir conhecimentos sólidos.

Estudei em escola pública durante toda minha vida, e o ensino superior sempre foi um sonho. A oportunidade de participar do projeto “Questões Étnico-raciais e Vivências em Cultura Afrobrasileira” foi um momento extremamente importante na minha trajetória dentro da universidade. Isso porque tive mais demandas a serem cumpridas, reuniões, autonomia na produção dos eventos, tive minha voz ouvida e me senti vista como uma contribuinte significativa.

As dificuldades vivenciadas durante o processo foram superadas ao longo do ano. A vida estava voltando ao normal depois da pandemia do covid-19 e ainda era um momento de tensão e incertezas sociais. Contudo, nada fez com que o objetivo do projeto fosse inferior ao planejado. Mantendo os cuidados necessários, visitamos o Quilombo de Machadinha em Quissamã, cidade localizada no interior do Rio de Janeiro.

O primeiro impacto ao chegar na comunidade quilombola foi poder ter o prazer de observar e conhecer a forma como o espaço é organizado. A preservação da cultura dos meus ancestrais viva nas danças, nas músicas, nos rituais religiosos, nas comidas. Todo o diálogo que se abriu nas rodas de conversa trazia temáticas extremamente importantes e relevantes sobre a resistência que os quilombos possuem desde antes da abolição.

Desse modo, pontuou-se a discussão a respeito da força que existe na construção do conhecimento do negro dentro da sociedade, e, por conseguinte, na Academia também. Essa estruturação cheia de potência ancestral evi-

dencia a opinião de que a população negra pode e deve ocupar todos os lugares que a faça sentir-se preenchida na atuação como agentes cruciais do desenvolvimento social.

Vale ressaltar que no Brasil existem abismos imensos, até hoje, relacionados aos espaços e oportunidades para os grupos menos favorecidos, haja vista todas as barreiras instauradas para dificultar uma educação de qualidade, uma ascensão social que é, sobretudo, imposta pelo sistema capitalista voraz vivido nos últimos anos, e principalmente o racismo estrutural. Como destaca Silvio Almeida no trecho abaixo:

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção¹.

Consequentemente, o ensino superior em uma universidade pública se torna quase uma utopia para jovens negros que precisam trabalhar, pois estes ajudam na constituição da renda familiar e/ou são os principais provedores dela.

A educação de qualidade é capaz de ampliar horizontes, ela é fundamental na gênese do ser social na perspectiva de exercitar a liberdade, que é uma capacidade humano-genérica que induz ao indivíduo a criação de alternativas que lhe auxiliem em suas limitações naturais. Diante disso, precarizar as instituições e dificultar o acesso às mesmas é usurpar a liberdade plena desses indivíduos, haja vista o quanto poderia ser criado e a pauperização amenizada. Nesse sentido, as vivências experienciadas no projeto de extensão, bem como as atividades de grupo de estudo sobre o antirracismo no Brasil e no mundo, foram fundamentais para desenvolver uma outra perspectiva no ensino, na pesquisa e na formação humana.

¹ ALMEIDA, Silvio. *O que é racismo estrutural*. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018, p. 15-63.

Sara Luiza Ramos Faria é extensionista da ação de extensão “A extensão como oportunidade de voz dentro da Academia”, coordenada pelo professor Edson Teixeira da Silva Júnior.

Oficinagens e oralituras populares: pensando o direito à cidade com as infâncias em ocupações urbanas

Lorena Santos Pellegrini Pacheco

Durante a realização do trabalho de extensão, ficou evidente a importância de seguir adiante, no sentido da continuidade, ao passo em que também olhamos para trás, observando o que foi feito e recolhido, pois, no processo de redizer nosso percurso, como redizemos os itãs, nos re-orientamos no caminho, e podemos então devolver ao meio, à comunidade, ao grupo em que intervimos, os regalos deste trabalho. É também através desse movimento que, junto ao Grupo de Pesquisa em Desutilidades Urbanas (GPDU - PPG. Psi-UFF/Dep.Psi-UFF.VR/RedeLAIIT) e pelo projeto de extensão “Oficinas de Montagem” (ODH-Sul-Flu/PROEX-UFF) - integrantes do Laboratório Limiares Cidade e Subjetividade (LALICS-UFF), pude elaborar estratégias e dispositivos que dessem contorno às demandas que brotam do processo.

Chegamos à Ocupação Dom Waldyr Calheiros (Volta Redonda) a partir de demandas que lançam luz sobre violências cotidianas, marcadas por marginalização e alheamento de direitos. Partimos da sustentação do estatuto político da subjetividade na construção de uma Psicologia implicada nas disputas cotidianas de construção do plano da experiência, em especial no que tange às políticas urbanas. Considerando o direito à cidade para além do acesso físico a espaços públicos ou privados, ou ainda interacionais, uma vez que esse diz também sobre as possibilidades de alterar ou rasurar a cidade, narrar e redizer. Pensando isso na perspectiva da mutabilidade, que Exú nos apresenta, onde podemos nos reinventar e construir nossas histórias e caminhos, podemos também fazê-lo com a cidade, que tanto atravessa tais questões de construção de subjetividade.

Nesse trabalho de pesquisa e extensão, surgiram questões de investigações acerca das territorialidades urbanas e também invenções para que essas investigações fossem possíveis.

O espaço-roda de contação, onde podemos recorrer a livros de ilustração e construirmos juntos novas estórias, surge a partir da lógica do Pesqui-

sarCOM e da Caosgrafia, uma metodologia desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura (GPMC): um jogo que segue a perspectiva cartográfica, surge um dispositivo de ocupação e intervenção urbana que dá passagem a dizibilidades e sentidos dessas infâncias. Nesse balaio, saltam também as disputas dessas narrativas através da gestualidade, das marcas, rasuras e memórias na montagem do livro provisoriamente chamado de Inventário, composto por ilustrações, fotografias, cantigas, fichamento de seres inventados e o que mais for relevante na construção da narrativa das infâncias na Ocupação Dom Waldyr; um recurso a ser sempre revisitado, com as marcas e lembranças dos encontros, brincadeiras e contações anteriores. Por ele adentramos um modo “oficinante” de pesquisar - no qual a instituição pesquisa (e pesquisador/a) é colocada em análise e tomada enquanto experiência performática.

Por fim, a nossa aposta enquanto pesquisa está nos modos de redizer cidades de maneiras outras que não as lógicas adultocêntricas, utilitaristas, mercantilistas e coloniais, que descartam a força criativa e interpeladora das infâncias. Nesse sentido, essas infâncias negras e periféricas e urbanas são colocadas diante de processos de invisibilização e homogeneização, ao mesmo tempo em que continuam a produzir reinvenção e surpresa em seus modos de habitar o mundo e a linguagem. Modos que têm, em nossos encontros oficinais, tomado forma através da construção de narrativas coletivas, inventários de experiências (lembradas e ainda por se fazer), e de um livro que começa a ganhar forma.

Este projeto de extensão agrega o entendimento do lugar e a importância da universidade pública no sentido de uma formação atenta às demandas sociais, marcada por valores éticos, espírito crítico e valorização da competência técnica para atuar nos espaços de inserção. Mas, igualmente, traz o sentido de afirmá-la como um espaço de diálogo e transformação deste contexto através da produção de conhecimento conjunto; e, neste mesmo passo, de sua interpelação e problematização no próprio movimento de sua produção. Nesse sentido, a importância do projeto se reitera exercitando a construção dos nossos corpos enquanto corpos-brincantes, tensionando assim as potencialidades do corpo-território, além do cuidado com a criação de estratégias de intervenção que estejam em diálogo com as demandas sociais de maneira mais dialógica e crítica. Ademais, reforça

o cuidado com o entendimento de que a academia é também espaço de prática e invenção, no qual a formação constitui-se exercício coletivo de ordem ético-estético-política.

Lorena Santos Pellegrini Pacheco é extensionista da ação de extensão “OFICINAS DE MONTAGEM: construções metodológicas e experimentações estéticas em direito à cidade”, coordenada pela professora Ana Cabral Rodrigues.

Infâncias Campistas: Escutar para (re)elaborar

Shakira da Costa Neves

Por meio do programa de extensão “Infâncias, Juventudes e Políticas: desenvolvendo ações dialógicas”, vinculado ao Núcleo de Pesquisa sobre Infâncias, Juventudes e Políticas Públicas, em 2022 pude me aproximar da ação extensionista. Foi um aprendizado realizar o trabalho de assessoria à comissão para elaboração do Plano Municipal pela Primeira Infância, constituída pelo Conselho Municipal de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente de Campos dos Goytacazes, bem como desenvolver atividades reflexivas com crianças na faixa etária de 04 a 07 anos. A atuação nestas duas linhas do programa nos permitiu contribuir para a elaboração do diagnóstico das infâncias campistas, visando subsidiar a elaboração de políticas públicas que atendam às demandas das crianças pequenas do município.

Nessa trilha, mergulhei no universo de leituras e análises de dados obtidos nos sistemas de informação oficiais e/ou bancos de dados para desvendar o que o município oferece para as crianças na primeira infância. Também foi de suma importância o processo de elaboração da metodologia utilizada para as atividades junto às crianças, no intuito de ouvi-las sobre suas percepções e vivências na cidade e no seu local de moradia. Fruto de uma construção coletiva interdisciplinar (Serviço Social e Psicologia), a metodologia partiu do entendimento de que as crianças pequenas eram as protagonistas do processo de elaboração do diagnóstico sobre a primeira infância.

Nesse sentido, me dediquei à escuta das crianças, tendo em vista promover a participação política das mesmas no processo de formulação de políticas públicas, pois entendemos que as crianças podem falar e expressar sobre si próprias, seus modos de vida, interesses e demandas, bem como nos ensinar a enxergar a realidade por outra ótica, de ressignificação do instituído, na perspectiva da elaboração de possibilidades criativas para se viver na sociedade.

O trabalho com as crianças envolveu a escuta e a reflexão com estudantes de 13 escolas municipais, bem como participantes de dois projetos sociais, residentes em um assentamento e em uma comunidade tradicional, e em uma instituição de acolhimento institucional. A escuta ocorreu por meio de atividades lúdicas, envolvendo a produção de desenhos, colagem e brincadeiras. Estas atividades tiveram como fio condutor a história de cinco personagens, representadas na sua diversidade de raça, gênero e de corpo. As crianças desenharam suas casas, a composição familiar, e o que encontravam no caminho até a escola. Por meio da brincadeira de “superpoderes”, sinalizaram o que gostariam de transformar, fazer desaparecer, os medos que gostariam de espantar, os lugares onde gostariam de ir e os desejos que gostariam de fazer.

Sendo assim, na primeira ida a campo tive certeza de que estava no lugar certo. Foi muito importante olhar e escutar as crianças nos seus diversos espaços e poder registrar suas demandas, inclusive seus sonhos! Registrada em minha memória como uma fotografia, ficou gravada a experiência de visitar pela primeira vez um acolhimento institucional de crianças e adolescentes. Esta experiência foi, para mim, a mais marcante, pois, enquanto eu observava a casa, um pequeno segurou na minha mão. Naquela tarde, percebi o quão importante era o trabalho que estávamos fazendo.

Nas atividades com as crianças pude observar, escutar, contar história e também brincar com elas. Foram marcantes os desenhos de familiares, de situações de abandono, ouvir os relatos, perceber o silêncio de uma criança que viveu em um cenário marcado por violências, entre outros. Na brincadeira com “poderes mágicos”, lembro que um pequeno colocou na minha cabeça um “chapéu mágico”, com direito a três pedidos. Pedi que todas as crianças tivessem garantida a proteção integral.

Assim, foi possível desenvolver ações dialógicas em que falamos, mas sobretudo ouvimos e percebemos o que as crianças têm vivido em diferentes territórios, nos aproximando, ainda que brevemente, da realidade das diversas infâncias campistas. Escutar as crianças foi fundamental, pois as opiniões dos pequenos foram grandiosas e indicaram questões essenciais que foram incorporadas no diagnóstico e se tornaram objetos de propostas no Plano Municipal para a Primeira Infância.

As idas a campo propiciaram a participação infantil na esfera política. Assim, enquanto extensionista, identifiquei as demandas, necessidades e os principais problemas que atingem a primeira infância do referido município, para contribuir na elaboração de novas estratégias na perspectiva de totalidade, com clareza da diversidade das infâncias, da sua dimensão singular e coletiva.

Por fim, conhecer as histórias e vivências das crianças me fez refletir sobre o meu trabalho e o meu compromisso de atuar na defesa e proteção dos direitos das crianças, pautado em um desejo expresso no poema “Direitos das Crianças”, de Ruth Rocha, que diz: “Decreto, neste país, / que toda, toda criança / tem direito a ser feliz!”

Shakira da Costa Neves é extensionista da ação de extensão “Infâncias, Juventudes e Políticas: desenvolvendo ações dialógicas”, coordenada pela professora Juliana Thimóteo Nazareno Mendes.

Os frutos da extensão

Ariel Azevedo Fontes

Desde pequena tinha o sonho de cursar Direito, mas não sabia ao certo do que se tratava, a não ser promover justiça para a sociedade. Assim, foi plantada a semente, com sede do conhecimento. Ao entrar na universidade, a pequena semente germinou, mostrando suas raízes nas aulas teóricas e com a literatura sugerida para os estudos. Esse processo de crescimento na área jurídica é, muitas vezes, cansativo e árduo, devido à grande quantidade de matérias, leis, artigos para leitura e compreensão... O Direito é um curso com um jargão específico, e sem perceber já estamos inseridos no mesmo dialeto e linguagem. Além disso, é necessário ter cautela para que o ensinamento não fique restrito apenas às aulas e o contato com as pessoas ao seu redor, o que, conseqüentemente, te insere em uma bolha, limitando-se ao pensamento jurídico das questões sociais.

No segundo período, entrei no projeto de extensão “Desenvolvendo: cultura dos direitos humanos na infância e adolescência” e me encantei ao ver que o Direito não se restringia a apenas tribunais, ações e audiências. Os meus olhos se encantaram ao descobrir que existe um mundo para além do jurídico, em que muitas vidas são ajudadas dentro do Direito. Os ensinamentos e a troca de experiências com os colegas do grupo e com a minha orientadora foram essenciais para regar aquela semente, que começou a crescer, se tornando uma árvore.

Assim, o projeto de extensão foi essencial para que houvesse o rompimento de padrões que estavam sendo construídos na minha formação profissional, possibilitando sair da bolha e olhar os problemas sociais para além dos vieses da sala de aula. Dessa forma, obtive desafios como simplificar a linguagem complexa jurídica em uma linguagem infanto-juvenil acessível para a compreensão deste público. Aprendi a usar elementos do cotidiano daquelas crianças no contexto escolar para falar sobre abusos e violações

dos direitos humanos. Busquei na literatura refúgio para ter uma educação inclusiva e acolhedora em cada abordagem desenvolvida. Mas, principalmente, evoluí como profissional, estudante e pessoa.

A construção das atividades lúdicas foi um desafio; porém, o processo de elaboração é tão gratificante, e a implementação nas escolas é o melhor retorno que se pode ter: a troca de experiências, a diversidade como ponte de construção de saberes entre a universidade e a comunidade. Do mesmo modo, ao realizar um trabalho e saber que, futuramente, aquelas crianças terão aparatos para se defender em situações abusivas e cessar a ignorância dos seus direitos é uma forma de tornar o mundo mais justo e perceber que estou fazendo parte desta construção.

Quando entrei para o projeto de extensão, imaginei que abriria a minha mente e conseguiria expandir o conhecimento adquirido dentro da sala de aula para a sociedade. No entanto, ao realizar as visitas nas escolas, eu percebi o contrário. O aprendizado que eu tive com cada criança, ao levar atividades acerca de direitos humanos, foi um ensinamento que nenhuma aula teórica na grade curricular poderia me proporcionar. Eu aprendi sobre empatia, cuidado, respeito e, principalmente, amor. Além disso, me sinto mais segura e motivada para realizar as atividades.

Sinto-me privilegiada por conseguir aprender com crianças sobre um tema que levamos anos para conseguir decifrar e lutamos tanto para que estivesse consolidado no campo sociojurídico. Os direitos humanos foram constituídos mediante renúncias e sangue de grandes personalidades que foram massacradas por clamarem por respeito e igualdade de direitos! Quando entro na sala de aula e vejo cada criança prestando atenção no que é falado, interagindo e buscando melhorar, eu tenho a certeza de que o mundo seria muito melhor se tivesse a sabedoria dos pequenos. Ou, da mesma forma, que os adultos de hoje tivessem a oportunidade de terem tido contato, na infância ou adolescência, com um projeto de extensão que abordasse direitos humanos.

O medo, a incerteza e a falta de prática eram os meus principais inimigos para falar em público, mas o projeto os transformou em coragem, segurança e amor pelo novo. Em cada abordagem, sinto um combustível para continuar crescendo e procurando evoluir para a próxima atividade.

As salas de aula das escolas municipais de Macaé se tornaram um grande aprendizado de uma matéria jurídica; mas, principalmente, um grande ensinamento para minha vida. Esse projeto fez nascer o fruto da inspiração e esperança em uma sociedade mais justa e igualitária. Aquela semente que germinou conseguiu gerar frutos dentro das escolas municipais de Macaé, só não imaginava que seria para meu próprio consumo: porque, hoje, eu entendo que quero mudar o mundo para um lugar melhor, mas o projeto de extensão mudou, antes de tudo, o meu mundo para melhor.

Ariel Azevedo Fontes é extensionista da ação de extensão “Educação em direitos humanos nas escolas públicas municipais de Macaé: desenvolvendo atividades lúdicas”, coordenada pela professora Letícia Virgínia Leidens.

O poder da ação extensionista na formação do universitário

Adriely Gonçalves de Almeida

Meu nome é Adriely Gonçalves de Almeida, minha matrícula é 120006060 e sou bolsista do projeto de extensão intitulado “Formação Política, Educação Popular, Direitos Sociais e Serviço Social”, coordenado pela professora Ana Cristina Oliveira de Oliveira, com a temática vinculada a Direitos Humanos e Justiça.

Comecei a fazer parte do projeto de extensão em setembro de 2022. São oito meses vivendo essa experiência, adquirindo muito conhecimento e vivências. O projeto de Formação Política é realizado pelo NEPHU (Núcleo de Estudos e Projetos Habitacionais e Urbanos), por meio do programa “Universidade Pública e direito à cidade: assessoria a movimento sociais”, em parceria com o NEPFE (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Favelas e Espaços Populares) da Escola de Serviço Social da UFF e o NUTTS (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Teoria Social, Trabalho e Serviço Social). O projeto é realizado por docentes e discentes na cidade de Niterói.

O trabalho que realizamos no projeto de Formação Política é de assessoria técnica ao Fórum de Luta por Moradia. O Fórum é formado por moradores de algumas comunidades de Niterói e São Gonçalo que lutam pelo direito à cidade, e é constituído principalmente por mulheres. Mediante as demandas que o Fórum apresenta, nós desenvolvemos oficinas, com ações formativas e educativas, para auxiliá-los no acesso a direitos sociais.

O Fórum de Luta por Moradia é formado apenas pelos moradores: nós, enquanto equipe, não fazemos parte desse movimento, somente assessoramos. Os integrantes do Fórum e a equipe técnica (formada por professores e alunos, incluindo bolsistas e voluntários) se encontram quinzenalmente numa reunião, na qual são discutidos assuntos relacionados à luta por moradia e outros temas ligados ao cotidiano dos moradores.

Para o melhor funcionamento da reunião, é preparada anteriormente pela equipe uma pauta contendo os assuntos que serão abordados no encontro. Nessa pauta incluímos alguns informes importantes que aconteceram ou irão

acontecer nesse intervalo de quinze dias de uma reunião para outra. Estamos, nesse exato momento, com um processo de autonomização dos integrantes do Fórum. Queremos fazer com que eles planejem e elaborem as reuniões, no intuito de eles mesmos pensarem a pauta e os informes para o encontro, e os próprios passarem essas informações na reunião. Esse movimento faz com que os integrantes dependam cada vez menos da equipe, e desenvolve e evidencia as múltiplas capacidades que eles possuem nesse movimento.

Abordei, até aqui, o que é o projeto de Formação Política, Educação Popular, Direitos Sociais e Serviço Social e como funcionam nossos encontros com a comunidade, por meio do Fórum de Luta por Moradia. Apontarei, a partir de agora, minha experiência com essa ação extensionista. Como dito anteriormente, eu participo do projeto há oito meses. Quando eu entrei no projeto de extensão, os encontros estavam acontecendo de forma online, devido à pandemia da Covid-19. Somente no início de 2023 as reuniões voltaram de forma presencial, e eu pude, finalmente, ter um contato mais próximo com a comunidade e a equipe.

Essa experiência impacta minha vida em muitos sentidos. Na minha formação acadêmica influencia e acrescenta muito, pois, para desenvolvermos as oficinas de formação para a comunidade, antes é necessário muito estudo e conhecimento da equipe. Eu, enquanto aluna do curso de Serviço Social, aprendo na extensão o exercício de ouvir e ver algumas situações que irei encontrar enquanto profissional. Aqui nesse espaço, aprimoro minha escrita e minha fala, pois eu faço o registro da ata nas reuniões, bem como comunico os informes. Além disso, também podemos escrever artigos para serem publicados em revistas, por exemplo.

Fazer parte do projeto de Formação Política me enriquece enquanto cidadã: aqui me deparo com situações que só o ensino em sala de aula na Universidade não iria me proporcionar. A ação extensionista abre um novo horizonte em nossas vidas, faz com que nos tornemos pessoas mais empáticas, responsáveis uns pelos outros, me faz querer lutar por melhorias nas comunidades e em outros espaços. Aqui me encontrei, e sou muito grata por tamanha experiência que o projeto me proporciona.

Adriely Gonçalves de Almeida é extensionista da ação de extensão “Formação Política, Educação Popular, Direitos Sociais e Serviço Social”, coordenada pela professora Ana Cristina Oliveira de Oliveira.

A importância das ações extensionistas

Debora Clemente Sodré

É perceptível a relevância dos projetos de extensão realizados por docentes e discentes universitários, contribuindo para melhoria da educação pública, desmistificando os estereótipos, levando informações importantes à sociedade de forma simplificada e fazendo o ensino superior ser uma realidade mais próxima da vida dos mais vulneráveis. O conhecimento é uma dádiva que deve ser compartilhada em favor da sociedade, melhorando a qualidade de vida dos cidadãos que a compõem.

Iniciei no projeto “UFF nas escolas” em julho de 2022, e sigo até o momento. O projeto me chamou a atenção a partir do nome, após a reunião, com a Prof.^a Dr.^a Karin Calaza, que foi muito receptiva e acolhedora. O “UFF nas escolas” foi o primeiro projeto que tive contato ao ingressar no meio acadêmico, em um período delicado e cheio de incertezas. Estávamos retornando ao ensino presencial após um longo período de ensino remoto ocasionado pela pandemia. Naquele período, não havia acontecido nenhuma visita das escolas à UFF, era um planejamento que estávamos começando do zero e que, como resultado de um trabalho em equipe alinhado e organizado, em setembro de 2022, aconteceu a nossa primeira visita.

O objetivo essencial é fazer com que os (as) alunos (as) se sintam pertencentes ao espaço universitário e que seu contato com a universidade gere interesse, esclareça dúvidas e se torne um portal de oportunidades. Em todos os nossos encontros, os (as) discentes visitantes expõem suas opiniões a partir de um questionário, e as respostas são sempre surpreendentes e muito positivas. Expressam a vontade de se tornarem futuros (as) universitários (as), reconhecem que a ciência feita pelas universidades públicas vai além de seus muros e causa um impacto significativo no mundo, entendem que a educação é a principal saída para a mudança de vida que eles (as) almejam e que, as instituições de ensino superior estão sempre prontas para recebê-los.

Minha maior admiração pelo projeto é a metodologia utilizada que, além das escolas receberem a visita de docentes e discentes da UFF em seu espaço para realização de palestras e atividades, as escolas também vão à uni-

versidade e, por meio dessa visita, muitos paradigmas são desfeitos. Nessas visitas, os (as) estudantes conhecem espaços que compõem a universidade e que, na minha época, como aluna de escola pública, era inimaginável. Eles (as) acessam laboratórios, almoçam em nosso restaurante universitário, conversam com as pesquisadoras e conhecem suas linhas de pesquisas. Poder proporcionar aos (as) discentes uma experiência que eu só tive ao ingressar na universidade é motivo de muita satisfação.

Mostrar a ciência real desenvolvida dentro da universidade, sua importância e contribuição em aspectos do nosso dia a dia é encantador. Meu objetivo como extensionista junto ao projeto “UFF nas escolas” é ressaltar toda a diversidade que há dentro da universidade e mostrar que a mesma é um espaço democrático e de direito de todos/todas. Tento contribuir ao máximo para que a experiência desses (as) estudantes tenha reflexo no futuro deles (as) e me esforço para mostrar que, assim como eu, eles/elas também têm a capacidade de ir além dos estereótipos criados pela sociedade racista, elitista e machista.

A cada visita, entendo mais sobre a importância da conexão entre universidade e escola/comunidade, e que ela precisa chegar aos menos favorecidos, passando a fazer parte de seus cotidianos e se tornar um sonho possível. Durante as visitas, frisamos que a universidade é para todos/todas e falamos sobre os programas de ingresso (cotas) e permanência (auxílios) que podemos acessar. Outro ponto positivo destas visitas é saber que nenhum dos (as) discentes retornaram às suas escolas da mesma forma que chegaram e que, de alguma maneira, eu sou uma fonte de inspiração após relatar minha experiência na graduação como ex-aluna de escola pública, mulher, negra e residente de área periférica, uma vez que, comumente, os (as) estudantes não conhecem ninguém, em seu cotidiano, que frequente uma universidade para orientá-lo(la).

Portanto, reforço a importância dos projetos de extensão dentro das escolas públicas, aproximando estudantes da possibilidade de ingressar no mundo acadêmico e na formação do (da) licenciando (a), o (a) aproximando (a) da realidade do ensino da escola pública.

Debora Clemente Sodré é extensionista da ação de extensão “UFF nas escolas: Ciência e educação caminhando juntas”. Edital PDPA Prefeitura de Niterói, coordenada pela professora Karin da Costa Calaza.

A extensão universitária como lucro à sociedade

Roberto Petrucci Junior

Desde o início do projeto, pude vivenciar a indissociabilidade entre a extensão, o ensino e a pesquisa. A extensão fomenta a produção e transmissão de conhecimento e promove a interação transformadora da sociedade, com o discente, papel que eu exerço, como um elo entre o acadêmico e a sociedade. Em virtude disso, me vi como protagonista no percurso do projeto, atuando no planejamento, organização e elaboração de um instrumento de pesquisa e apresentações. Apresentei o projeto à Secretaria de Desenvolvimento Econômico (SEDEN) do município de Niterói, assim como na Casa da Cultura e Casa do Artesão, que acolheram a nossa ideia e objetivos. Elaborei um instrumento de pesquisa que consiste em dois questionários: um sendo observacional, que visava analisar a higiene pessoal, uniforme, o manuseio de alimentos, utensílios e equipamentos, mas não somente isso, também as condições socioambientais e físicas desses locais de comercialização de alimentos de comida de rua; e o segundo questionário, que foi semiestruturado com perguntas objetivas e abertas, e objetivou auferir o nível de conhecimento do manipulador sobre as boas práticas na manipulação de alimentos e quais as suas necessidades de conhecimento.

Após essa etapa, realizamos o mapeamento das principais feiras gastronômicas da cidade de Niterói, sendo elas: Campo São Bento, Praça Getúlio Vargas, Ingá, Itaipu e Muriqui. Nessas feiras são comercializados alimentos finalizados no local, produtos para serem consumidos em casa e uma grande variedade de artesanatos. Para tal atividade, tivemos o auxílio da SEDEN e Casa da Cultura. Dessa forma, criamos um roteiro de visita para a coleta de dados das 5 feiras livres distintas, com 61 manipuladores de alimentos em 38 barracas.

Os dados obtidos serviram para nortear a elaboração de um curso de capacitação para esses trabalhadores que fosse adequado ao nível de conhecimento dos mesmos em boas práticas na manipulação e comercialização de

alimentos. Logo, objetivando o fornecimento de alimentos seguros à população. Assim, executamos o curso permeando toda a cadeia produtiva até a finalização e comercialização dos alimentos para os ambulantes das feiras livres analisadas, e também para indivíduos que atuam nesse segmento de trabalho, totalizando 70 participantes. O curso consistiu em 6 encontros presenciais e com uma carga horária total de 12 horas com posterior entrega de certificado de capacitação a esses profissionais. Ademais, os dados obtidos foram utilizados para elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso e submissão do mesmo à publicação.

Ao longo do curso, observei uma dificuldade de alguns participantes na elaboração de fichas técnicas de preparações alimentares. Dessa forma, coordenei, sob orientação da minha orientadora e colaboradores docentes, uma oficina de elaboração de fichas técnicas de preparações alimentares no laboratório de Técnica e Dietética da Faculdade de Nutrição da UFF para 20 participantes. A atividade sob minha coordenação consistiu em uma aula expositiva permeando os conceitos, cálculos e estrutura das fichas técnicas, e etapa prática na qual os participantes prepararam 5 pratos distintos, e em seguida elaboraram a ficha técnica dos mesmos, se atentando a conceitos e aos cálculos, supervisionados por mim, pela minha orientadora e colaboradores discentes. Essa atividade de ensino foi enriquecedora para minha formação acadêmica, pois pude vivenciar toda a etapa da docência, desde a elaboração do material da aula, a apresentação da mesma e supervisionar a prática dos alunos em laboratório.

O projeto possibilitou a minha imersão à realidade, através do conhecimento e trocas de experiências com esses trabalhadores que perderam seus postos de emprego e viram na comida de rua, uma possibilidade de geração de renda para suas famílias, atuando nesse segmento de mercado, que desempenha uma grande importância socioeconômica na geração de emprego com esse viés da informalidade. E fico feliz por participar de um projeto que tem objetivos que possam causar impacto social e à saúde pública por meio da educação profissional dos trabalhadores desse segmento, e também pode agregar importantes conhecimentos na minha formação humana, técnica e acadêmico-científica.

Este projeto de extensão se propôs a difundir conhecimento à sociedade e provocar transformação da mesma na cidade de Niterói. Por possuir um

caráter contínuo, deverá se prolongar pelos próximos anos, em virtude da sua importância, grandeza e da complexidade da ação, podendo se ramificar em outros projetos de pesquisa, à medida que os resultados indicarem a necessidade de intervenção nas áreas.

Roberto Petrucci Junior é extensionista da ação de extensão “Capacitação em controle higiênico-sanitário para manipuladores do comércio ambulante de alimentos no município de Niterói, Rio de Janeiro”, coordenada pela professora Maria das Graças G. A. Medeiros.

Extensão em favela: entre o estigma e a resistência

Renan Silva Gomes

A Constituição Federal do Brasil expressa que “ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano e degradante”, contudo, é evidente a existência de um abismo entre a conquista assegurada na legislação aprovada em 1988 e a realidade da maioria da população brasileira, em especial os que vivem em territórios favelados e periféricos. Este fator é explicitado no cotidiano dos moradores de espaços populares, mas também nas diversas vezes em que fui impossibilitado de acessar o Conjunto de Favelas da Maré para realizar os encontros da extensão. Fui contemplado com a bolsa de extensão em abril de 2022 e, no período de aproximadamente um ano, diversas foram as vezes que operações policiais levaram nossos encontros a serem cancelados. A questão a ser levantada é a seguinte: nós - da extensão - tivemos a oportunidade de sairmos e voltarmos para casa em “segurança”, mas e os moradores da Maré? Infelizmente não podemos dizer o mesmo, pois muitos perdem o dia de trabalho, a consulta médica, e milhares de estudantes ficam sem aula.

Cabe situar que a extensão universitária ocorre em parceria com a ONG Redes da Maré, sendo realizada no Conjunto de Favelas da Maré, um bairro da cidade do Rio de Janeiro, situado na Zona da Leopoldina, à margem da Baía de Guanabara e com uma localização territorial entre duas grandes avenidas da cidade: a Avenida Brasil e a Linha Vermelha. O bairro Maré é composto por 16 comunidades e, segundo dados do Censo Maré 2012/2013, possui uma população de cerca de 140 mil habitantes. O projeto de extensão busca analisar, por meio do tripé ensino-pesquisa-extensão, a formação das cidades e dos territórios periféricos e populares, tendo como ponto de partida a educação popular, visando que os trabalhos na favela sejam desenvolvidos a partir de uma perspectiva crítica, de modo a reconhecer os moradores destes espaços como sujeitos de direitos. As iniciativas da extensão são desdobradas em três momentos: 1) Curso de formação para a equipe técnica da Redes da Maré; 2) Curso de formação para estagiários da Redes da Maré; e 3) A construção de um catálogo de instituições da Maré, que foi pensado como forma de sistema-

tizar todas as informações sobre instituições e os serviços prestados para os moradores do território.

Construiu-se um ideário de que as favelas são espaços separados da dita cidade formal, nas palavras de Carolina Maria de Jesus, um “quarto de despejo da cidade”. A partir dos estigmas e estereótipos moldados acerca dos territórios periféricos, os grupos sociais que ali produzem e reproduzem sua vivência como seres sociais são afetados de forma violenta e autoritária por parte de aparelhos do Estado. Fica notório, a partir das trocas nos encontros da extensão, que os territórios mais pobres, com uma população majoritariamente negra e com baixo nível de escolaridade, são colocados na condição de pessoas “criminosas”, “malandras” e, portanto, passíveis de uma opressão punitivista pautada no racismo estrutural e na criminalização da pobreza. Ademais, o Estado legitima a baixa qualidade dos serviços ofertados, o que reforça a ideia de não sujeitos de direitos, e, portanto, não cidadãos.

A extensão universitária tem um papel fundamental na minha trajetória acadêmica, profissional e cidadã, pois estou inserido na dimensão do cumprimento da função social da Universidade Pública, uma interlocução da academia com a comunidade. A inserção nesse projeto de extensão me viabilizou participar do processo formativo de profissionais e estagiários - e até mesmo o meu enquanto bolsista - sobre o trabalho profissional interdisciplinar em favelas; a organização de dados e informações que desmistificam o aparente, que possibilitem análises mais amplas e que contribuam para a visibilização da desigualdade e de suas consequências no dia a dia dos moradores das favelas; aproximação de leituras críticas acerca da formação social brasileira e seus rebatimentos na reprodução da vida nas periferias e espaços populares; e a importância de um trabalho alinhado a uma perspectiva contra-hegemônica, emancipatória e que potencialize o usuário, que, na maioria das vezes, é atravessado por um Estado que majoritariamente se apresenta por meio da força militarizada. Os encontros presenciais são mediados por diálogos interdisciplinares que contaram com a participação de professores das diferentes universidades públicas do Rio de Janeiro (UFF, UFRJ, UNIRIO, UERJ) e os profissionais técnicos que atuam na Maré, oportunizando uma experiência enriquecedora.

Renan Silva Gomes é extensionista da ação de extensão “Questão Urbana e Favela: educação popular, formação e atendimento social na Maré”, coordenada pela professora Eblin Joseph Farage.

DescartUFF presente: população consciente!

Luana Gomes da Silva Ribeiro

2021. O ano em que comecei a minha jornada como integrante do projeto “DescartUFF”. Confesso que, naquele momento, eu não tinha ideia do que estava por vir, e não sabia ao certo os motivos que me levariam a continuar. Descarte de medicamentos... incrivelmente, mesmo cursando a graduação em farmácia, este tópico não tinha sido apresentado a mim como um problema. “Ué, não é só jogar fora? Não é esse o destino do lixo?” Pois é, “DescartUFF” presente e população consciente!

O projeto, fundado em 2018, começou a partir de uma preocupação levantada na matéria de Educação Ambiental, ofertada na Universidade Federal Fluminense (UFF). Foi percebido pela professora Júlia Albuquerque, coordenadora do projeto, que pouco se falava acerca do descarte de medicamentos e principalmente as suas consequências, inclusive entre os próprios profissionais da área. Com a temática voltada para a enorme relação entre o meio ambiente e saúde, o “DescartUFF” busca desenvolver uma ideia de responsabilidade coletiva e individual na população, informando acerca do descarte incorreto de medicamentos e os prejuízos ambientais associados, que nos afetam diariamente.

De modo pessoal, estar envolvida em ações extensionistas é uma experiência única, que permite ir além dos muros da universidade. Através de uma abordagem predominantemente on-line, o “DescartUFF” busca alcançar tanto a comunidade acadêmica quanto a população de maneira geral, compartilhando informações pertinentes e imparciais, com qualidade e veracidade. Para tal, gosto sempre de me manter informada, procurando informações novas e que chamem a atenção das pessoas. Por isso, a meu ver, o contato com o público ainda configura um dos maiores desafios enfrentados, visto que é preciso pensar minuciosamente na melhor forma de comunicação e em como fazer com que a informação gere o impacto que queremos. O impacto da mudança. O meio ambiente pede ajuda! Como integrante do “DescartUFF”, estou frequentemente atendida e consequen-

temente preocupada com os problemas ambientais que se intensificam, e, como cidadã, sei que essa preocupação precisa urgentemente ser compartilhada com os demais. Com o projeto, sinto que posso ajudar, ser parte da mudança.

Os medicamentos vencidos ou em desuso, quando descartados incorretamente em pias, vasos sanitários e no lixo comum, geram uma série de complicações, como bioacumulação, feminização de espécies marinhas, geração de superbactérias, contaminação da água e do solo, entre outros. Ou seja, algo que nós utilizamos para nos sentirmos bem, melhorando a nossa saúde, pode também ser responsável por afetá-la negativamente. “Mas e eu com isso?” Logo assim que entrei para a equipe, este foi praticamente um dos primeiros questionamentos, e que continua sendo esclarecido até os dias atuais. Nós do projeto estamos sempre em constante atualização, desse modo, cada alerta que fazemos através de textos, curiosidades, vídeos e artigos “desvendados”, também são ensinamentos que nos fazem pensar a respeito.

A meu ver, é de grande importância destacar sempre o papel da equipe, que é fundamental para o sucesso do projeto e para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional. Equipe. Conjunto de pessoas que se dedicam à realização de um mesmo trabalho. E, no projeto, quem são essas pessoas? Somos como uma orquestra, regidos por um maestro e com cada integrante desempenhando um papel fundamental, a fim de levar ao público uma verdadeira obra de arte, potencializando a importância um do outro. Assim, eu vejo o “DescartUFF”, onde nossos instrumentos são os nossos papéis e responsabilidades, funcionando em conjunto. Percebo que, na extensão universitária, é notável uma construção mútua e enriquecedora de saberes e vivência, onde cada pessoa carrega consigo sua própria história e experiência, tornando cada percepção singular, contribuindo imensamente para a coletividade do “DescartUFF” dentro e fora do projeto.

2023. Como um quebra-cabeça, as peças foram se juntando e encaixando ao longo do caminho. Pude acompanhar o crescimento do projeto, bem como o reconhecimento por parte do público e da própria comunidade acadêmica. Após um longo período de tempo atrás da tela dos computadores e celulares, o “DescartUFF” voltou com as suas atividades presenciais, participando de diversos eventos promovidos pela UFF. O contato “cara a

cara” com os nossos seguidores mostrou a pluralidade de quem nos acompanha, e eu particularmente achei gratificante perceber que, como planejado, a nossa abordagem tem alcançado diferentes parcelas da população, me deixando extremamente satisfeita e orgulhosa. Ademais, me permito desenvolver novas habilidades pessoais, que são de extrema importância para a minha futura profissão, pois saber ouvir é tão importante quanto saber falar. E assim eu pretendo continuar tornando o “DescartUFF” presente na vida das pessoas, ao passo em que ele tem sido essencial na minha.

Luana Gomes da Silva Ribeiro é extensionista da ação de extensão “DescartUFF”, coordenada pela professora Júlia Peixoto de Albuquerque.

O papel da extensão na formação ética de uma clínica letrada - experiência de atuação no Centro de Cidadania LGBTQIAP+

Gabriel Malta

Me chamo Gabriel Malta, estou no 10º período de psicologia, sou estudante da UFF, do Instituto de Campos dos Goytacazes, do qual tenho muito orgulho em pertencer como forma de resistência política. Sou um homem branco, cis, gay, entusiasta dos estudos da psicanálise e da crítica queer a partir da visada interseccional. Componho, como aluno extensionista, o “Laboratório de Psicanálise, Política, Cultura e Estudos de Gênero - LPPCEG”, criado em 2016 pela Prof.^a Dr.^a Bárbara Breder a partir de demandas do território, cujo propósito é articular atividades de pesquisa, ensino e extensão, tendo como pauta a defesa da diversidade e o enfrentamento da misoginia, LGBTQIAP+fobia, do racismo, do capacitismo, na perspectiva de uma psicanálise que se faz política. Uma dessas demandas do território foi o convite de atuação do laboratório no Centro de Cidadania LGBTI+ em Campos dos Goytacazes, um dos braços do programa Rio sem LGBTQIAP+fobia. Os Centros estão espalhados pelas cidades do estado e são pioneiros em oferecer assessoria jurídica e atendimento social e psicológico à comunidade queer. Nesse serviço, realizamos um trabalho dianteiro, sendo os primeiros estagiários de psicologia nessa instituição, um grande desafio que nos provocou a persistir. Realizamos intervenções que promovem a (des)patologização da diversidade sexual e de gênero através do trabalho clínico, que se abriu para além do setting por meio de rodas de conversas com coletivos, usuáries e aliados políticos. A partir disso, criamos redes para o fomento da existência de muitos dos usuáries.

Encontrávamos adversidade na estrutura da instituição, ora precária, hoje bem estruturada, transição árdua que pude acompanhar. As idas e vindas ao centro, que exige uma travessia de uma ponte que conecta Campos a Guarus, realizei e ainda realizo por meio de uma bicicleta antiga, entre dias de sol e chuva, que é movida pelo desejo, esperança e, principalmente, pelo dever da psicologia se colocar para todes, inclusive para aqueles que se encontram marginalizados pela sociedade, vistos

como abjetos. Ademais, esse trabalho é de urgência ética e política, já que o Brasil é o país que mais mata pessoas queer. Assim, vivenciei a potência da psicologia ao me desdobrar para uma clínica sensibilizada e engajada, com escuta letrada e atenta às intempéries do contemporâneo, além da importância do trabalho de rede, essencial para a (re)existência dos usuáries. Esta prática revelou que a psicologia pode e deve sair dos seus territórios de intramuros da Universidade e das “clínicas-escola” convencionais, e estar norteada por parâmetros não elitistas. Pude fazer parte da consolidação da aliança institucional da UFF com o Centro, que criou um fluxo de encaminhamento de pacientes do Centro para o Serviço de Psicologia Aplicada.

Lembro do meu primeiro atendimento para além dos muros da UFF, da sensação de incapacidade, de incertezas, medo, e de quando fui indagado por uma usuária, ao saber que seria eu quem iria atendê-la, a qual me questionou: “Quem é você? Como você vai poder me ajudar se você é um homem cis? Você entende sobre transexualidade? Não sei se você poderá me ajudar!”. Naquele momento, senti um frio na barriga. Ouvi aquela pergunta, sobretudo o lugar de onde ela saiu. Logo respondi que não sabia se poderia ajudá-la, mas estava ali para ouvi-la e fazer o melhor trabalho possível. Nesse questionamento, busquei entender o local que eu ocupava, percebendo que, mesmo sendo um homem gay, havia uma imagem da representatividade de um homem branco e cis: um corpo que representa violência. Assim, pude me colocar a escutar aquela mulher de forma ética, entendendo o meu lugar, uma escuta que abriu possibilidades para novos sentidos. Para além dessa usuária, pude acompanhar o florescer de alguns usuáries trans, a retificação dos seus nomes e o fortalecimento dos seus laços familiares, que, no percurso clínico, conseguiram ter aporte psicológico e informativo para transicionar de forma segura.

Estagiar, via extensão universitária, no Centro pela ótica da psicanálise me ajudou a compreender a potência de uma escuta: ao ouvir os sofrimentos dos usuáries, mesmo que de forma singular, podemos ouvir também o sofrimento de uma sociedade, dizeres que denunciam as vulnerabilidades sociais, o que é um ponto importante do meu trabalho como extensionista, haja vista que este trabalho é respaldado pela pesquisa, ensino e extensão, que fomenta as políticas públicas.

Ser extensionista bolsista foi um grande subsídio para minha permanência na UFF, enquanto pertencente a classe trabalhadora e da comunidade LGBTQIAP+, garantindo em ato o acesso à universidade onde também se manifestam vetores de exclusão classistas e LGBTQIAP+fóbicos. Por fim, essa experiência de extensão me ajudou a reescrever o meu passado como uma criança queer que não teve apoio psicológico, e me colocou a tentar mudar o futuro de outras crianças, adolescentes e adultos queer, ajudando-as a existir num mundo que tenta nos aniquilar.

Gabriel Malta é extensionista da ação de extensão “Laboratório de Psicanálise, Política, Cultura e Estudos de Gênero – LPPCEG”, coordenada pela professora Bárbara Breder.

Cuidados a pessoa com doença de Alzheimer – Blog Interativo e seus impactos para formação e a comunidade

Juliana de Oliveira Nunes da Silva

Durante a minha trajetória acadêmica na enfermagem, me deparei com diversas situações, como com os custos de passagem, as aulas suspensas devido à pandemia, dúvidas acerca do meu futuro profissional, tais como quais e de que forma seriam as áreas que eu teria mais afinidade para atuar, dentre muitas outras inquietações que são comuns aos futuros enfermeiros. Acrescento que, por motivos pessoais, a área da saúde do adulto e do idoso sempre foi algo que me chamou à atenção, mas ainda não havia passado pela disciplina da graduação que a tem como foco. Então, não tinha certeza de quais eram as peculiaridades desse cuidado e até mesmo se eu iria gostar.

Em meio a esse momento de expectativas e incertezas, recebi a proposta para ingressar como bolsista no projeto de extensão da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa (EEAAC), intitulado “Cuidados a Pessoa com Doença de Alzheimer – Blog interativo”, que tinha como pilar ser uma tecnologia educativa com o intuito de proporcionar uma educação em saúde para os idosos e seus cuidadores, principalmente àqueles que conviviam com alguma síndrome demencial, como a Doença de Alzheimer (DA). Porém, não se restringindo a tal e sempre buscando se aprimorar, seguindo a integralidade do cuidado para o seu público.

O projeto é coordenado pela professora Alessandra Camacho e consiste no uso do blog com suas três extensões, que se encontram nos endereços <https://cicacamacho.blogspot.com/> para o blog, o site <https://cuidadosalzheimer.uff.br/>, o instagram no @cuidadosalzheimer e o facebook com o nome “cuidadosalzheimer”. Todas são ferramentas virtuais para promover saúde a partir de um conteúdo semanal diversificado com textos curtos, uma linguagem simples com referencial teórico para todo o conteúdo, locais para comentários e interações em todas as plataformas, além de ferramentas de acessibilidade para acuidade visual e confecção de programas de podcasts, que se encontram no site. Além do exposto, as publicações

consideram as peculiaridades de cada rede social, de modo que os textos usados no blog e no site são adaptados para uma arte no instagram e os seus links divulgados no facebook.

Admito que, quando entrei no projeto, tinha muitas incertezas, principalmente com relação à utilização das ferramentas trabalhadas. Porém, eu fui muito bem acolhida pela equipe, que me deu muito suporte e vários tutoriais de como editar os sites e os podcasts, muitas dicas de técnicas de escrita, a exemplo de como escrever e publicar materiais para eventos científicos, dentre muitas outras ações que eu sinto que me capacitaram enquanto pessoa e profissional. Com isso, minha ansiedade inicial se dissipou e o projeto se tornou algo muito prazeroso. Em pouco tempo, eu consegui sentir o quanto eu estava evoluindo, pois não ficava mais nervosa para escrever nem apresentar algo. Ganhei confiança sobre a minha escrita e, acima de tudo, nos locais de interação das nossas redes sociais, eu pude ver o quanto essa ação de extensão serviu como uma rede de apoio para diversos idosos e cuidadores.

Em locais disponíveis para comentários públicos nas redes do projeto, foram trazidos desabafos acerca de como era difícil o cuidar, a sobrecarga que o cuidador tinha, a falta de informações sobre como realizar algumas ações que, para muitos da área da saúde, são óbvias, mas que, para a população de forma geral, não são. No projeto, eu consegui ter essa visão crítica. A partir disso, pude pesquisar na literatura materiais que trouxessem dicas de cuidado para os idosos e cuidadores com DA, o calendário vacinal, as terapias holísticas como forma de cuidado e relaxamento, os assuntos que estivessem em alta na mídia, como a desmistificação de fake news, o calendário de políticas públicas de saúde (como o “Fevereiro Roxo”) e sua conscientização sobre a DA, fibromialgia e o lúpus, dentro muitos outros temas que, por consideração, a integralidade do cuidado considerada como um pilar para a assistência, proporcionam a qualidade de vida e o bem estar a todos os envolvidos.

Concluindo, a oportunidade de atuar em um projeto de extensão enquanto bolsista me trouxe inúmeros benefícios, visto que a bolsa contribuiu para a minha permanência na faculdade. O trabalho em equipe permitiu trocas de conhecimento e a minha capacitação enquanto pessoa e futura enfermeira. A variedade de temas trazidos nas publicações ampliou as possibilidades

da minha visão integral do cuidado e de meu conhecimento ao ler os materiais e conseguir resumi-los de forma objetiva. Por fim, eu pude ver como as ações assistenciais, mesmo que feitas ainda na graduação, impactam a comunidade, ainda mais para os cuidadores, que, ao longo do projeto, pude ver que são um público que tende a se auto negligenciar para assim poder cuidar. Tive também uma reafirmação sobre a minha paixão pela saúde do adulto e do idoso, levando-me a usar as tecnologias educacionais relacionadas ao envelhecimento ativo como tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Juliana de Oliveira Nunes da Silva é extensionista da ação de extensão “Cuidados a Pessoa com Doença de Alzheimer – Blog Interativo”, coordenada pela professora Alessandra Conceição Leite Funchal Camacho.

Relato de experiência do projeto “Prevalência das lesões orais em idosos atendidos no serviço Casa dos Pobres São Vicente de Paulo de Nova Friburgo”

Sarah do Couto Monteiro Pacheco

O envelhecimento populacional apresenta uma realidade demográfica prevalente e atualmente é considerado um dos maiores desafios de saúde pública, pois ele acarreta o aumento das doenças crônicas, deficiências físicas e mentais, há uma diminuição da capacidade funcional e motora e leva, conseqüentemente, à incapacidade de realizar atividades cotidianas, como a higiene pessoal. Nesse contexto, a saúde bucal dessa população necessita de maior atenção na odontologia.

Diversos estudos revelam que há alta prevalência de doenças e problemas de saúde bucal em residentes de instituições de longa permanência, e há idosos com condições bucais mais precárias nas instituições em comparação com os que vivem na comunidade. Além disso, a literatura indica que os problemas bucais são subdetectados e subtratados em idosos institucionalizados. O presente trabalho tem como objetivo prestar depoimento sobre o projeto de extensão de atendimento a idosos institucionalizados e lesões orais mais prevalentes, o qual foi parceria entre o curso de Odontologia do Instituto de Saúde de Nova Friburgo com a instituição de longa permanência Casa dos Pobres São Vicente de Paulo, em Nova Friburgo.

Devido à pandemia do coronavírus (covid-19), teve-se muita resistência por parte da coordenação da instituição quanto à entrada e, conseqüentemente, o início da busca e assistência a esta população. Portanto, esse período inicial foi utilizado para a realização das buscas bibliográficas, construção de um prontuário para orientação das buscas de campo e a compra de materiais de consumo, visto que o projeto foi contemplado com um fomento PROEX/UFF para custeio das eventuais despesas. Mediante autorização, o local foi mapeado e dividido por setores. Foram examinados 30 homens e 48 mulheres com idades variando entre 62 e 101 anos. Destes, 45 apresentaram algum tipo de lesão ou variação da normalidade na cavidade oral, totalizando 95 achados, entre eles candidíase, língua saburrosa, língua despapilada, língua fissurada, lesões vasculares, hiperplasias, úlceras traumáticas, lesões leucoplásicas, lesões eritematosas e queilite actínica.

Visto que a Casa dos Pobres abriga também pessoas com necessidades especiais fora da faixa etária do projeto (acima de 60 anos), foi prestado atendimento também a estes. Vale ressaltar que houve muita resistência por parte deles quanto ao atendimento, já que muitos não gostaram do contato físico, principalmente intraoral. Porém, a equipe de cuidadores e enfermeiros nos ajudou nessas situações. Em contrapartida, os lúcidos foram muito receptivos e trocaram muitas experiências de vida. Relataram suas histórias, trajetórias e saberes, o que foi muito enriquecedor, pois, além da experiência odontológica que repercutirá positivamente na área profissional, este projeto proporcionou uma transformação de vida como cidadã.

Após o mapeamento, iniciaram-se as fases de tratamento e acompanhamento das lesões nas quais foram realizadas: terapia fotodinâmica com azul de metileno nos casos de candidíase e língua saburrosa, laserterapia de baixa intensidade em casos de úlceras e hipossalivação, orientação de saúde bucal aos cuidadores e a equipe de enfermagem para realizarem a higienização oral diária dos idosos e das pessoas com necessidades especiais, entrega de pastilhas para limpeza de próteses, escovas dentais, dentífricos, raspadores de língua e realizaram-se o acompanhamento de lesões suspeitas de malignidade. Deve-se destacar que, além dos cuidados odontológicos que foram prestados semanalmente, ocorreu também um acolhimento emocional a cada um dos moradores da instituição.

A partir da vivência deste projeto, ficou cada vez mais evidente a necessidade e a importância de se prestar assistência e atendimento a instituições de longa permanência para idosos, com o intuito de auxiliar e promover melhorias na qualidade de vida da pessoa na terceira idade. Desta forma, a inserção no projeto possibilitou não somente o aperfeiçoamento de habilidades mediante as práticas de saúde, mas também forneceu resultados que servem como base para o desenvolvimento de estratégias capazes de melhorar a qualidade de vida, com relação aos cuidados de saúde bucal, para essa população específica.

Sarah do Couto Monteiro Pacheco é extensionista da ação de extensão “Prevalência das lesões orais em idosos atendidos no serviço Casa dos Pobres São Vicente de Paulo de Nova Friburgo”, coordenada pela professora Maria Carolina de Lima Jacy Monteiro Barki.

Café com RH e a promoção de qualidade de vida no trabalho através do diálogo

Bruno Stael de Moura Silveira

Minha entrada para o “Café com RH” foi a minha primeira experiência de extensão. Esta marcou um momento de mudança no meu percurso acadêmico. Em meio à pandemia, o meu contato com a universidade estava restrito às aulas. Essa limitação me incomodou. Me fez perceber que estava desvalorizando as oportunidades de crescimento proporcionadas pelo espaço acadêmico. Assim, conheci o trabalho do “Café com RH” nesse movimento de valorização da universidade.

Conheci o “Café” através da sua página no Instagram. Lembro-me que a postagem sobre vagas de voluntários havia sido há muito tempo, mas mesmo assim enviei uma mensagem sobre a disponibilidade de voluntários. Sendo um discente do curso de psicologia de Rio das Ostras, interessado em estudar o mundo do trabalho, houve dois motivos que me levaram a essa escolha: 1) um projeto de extensão que não havia no campus de Rio das Ostras, cujo objeto de estudo era do meu interesse; e 2) o “Café” pertence ao departamento de Administração do campus de Macaé. Assim, o “Café com RH” foi uma oportunidade de adquirir competências e habilidades que não seriam ensinadas no curso, mas são muito importantes para o profissional na área da psicologia organizacional.

Quando entrei em contato pela primeira vez com a professora Izabela Taveira, coordenadora do projeto, fiquei muito animado com as possibilidades de trabalho. Não demorou muito para participar do primeiro evento. Esse foi o início de muito trabalho, envolvendo divulgação de eventos, gerenciamento de e-mails, postagens nas redes sociais e participações nos eventos. Ainda em 2021, Izabela também me convidou para participar de uma publicação do “Café com RH” como co-autor. Foi uma oportunidade incrível de trabalho e aprendizado que rendeu um lindo artigo. O processo de erros e acertos foi coroado com o convite da professora Izabela da bolsa de extensão do “Café com RH”.

Como bolsista, são atribuídas para você mais tarefas e responsabilidades. Por pertencer ao departamento de Administração, o projeto requer uma organização à altura e o bolsista deve acompanhar essa necessidade. Para cada evento, há diversos passos que devemos tomar antes de ele ser realizado. Até que o evento comece, os participantes do “Café com RH” já trabalharam muito em cima dele para sua realização. Com a passagem de voluntário para bolsista, pude estar em um contato maior com a organização dos eventos do “Café com RH”, e me deixou muito comovido o tamanho da preocupação, zelo e carinho que toda a equipe e, principalmente, a professora Izabela têm com as produções do “Café”.

A aproximação com as diversas atuações do projeto também me levou a auxiliar na divulgação de vagas do LinkedIn do “Café com RH”. Considero uma das atividades mais importantes. O perfil possui um número de seguidores considerável e recebe dezenas de mensagens para divulgação de vagas toda semana. É uma das formas que o “Café” mais contribui com Macaé e região. Os eventos também proporcionam momentos muito marcantes. Estes geralmente ocorrem após as falas dos convidados e mediadores, e emergem na interação dialógica entre os participantes. Esse é o momento mais rico dos eventos. É aquele que produz sentido, e leva à reflexão. É por meio de momentos assim que esperamos mudar, de pouco a pouco, a sociedade por meio do pensamento crítico e reflexivo.

No entanto, isso demonstra apenas o impacto do “Café” para a equipe. O projeto não tem meios viáveis de mensurar através de dados quantitativos o seu impacto na sociedade. Dessa forma, dependemos do feedback de pessoas que foram afetadas com o propósito do “Café” - proporcionar qualidade de vida no trabalho em Macaé - e voluntariamente decidiram enviar para os canais de comunicação do projeto. Presenciei diversos feedbacks positivos. Houve aqueles agradecendo, pois conseguiram uma vaga através do nosso perfil no LinkedIn, como também pessoas que participaram dos eventos e guardaram algum aprendizado que levou a uma mudança em seu trabalho.

Poderia concluir versando sobre como o “Café com RH” foi um espaço de aprendizado para mim, tanto pessoalmente quanto na minha formação como psicólogo; graças a confiança da professora Izabela tive oportunidade de apresentar o projeto no 6º Congresso Brasileiro de Psicologia, mediar

eventos e participar de publicações. Mas gostaria de concluir esse texto com algo que foi fundamental para minha trajetória, e que pode reverberar para a equipe atual do “Café com RH” e demais projetos de extensão. O importante trabalho realizado pelo “Café com RH” dificilmente será passível de mensuração de resultados devido a sua própria natureza. É por isso que devemos valorizar cada feedback positivo e mensagem de alguém que foi tocado pelos nossos eventos. “O Café com RH” tem o poder de criar uma relação muito direta com o seu público, e isso proporciona atravessamentos e reflexões para a promoção da qualidade de vida no trabalho para a sociedade macaense como um todo. De pouco em pouco, o “Café com RH” atinge seu objetivo através do diálogo com os trabalhadores.

Bruno Stael de Moura Silveira é extensionista da ação de extensão “Café com RH: promovendo Ações em prol da Melhoria da Qualidade de Vida no Trabalho em Macaé”, coordenada pela professora Izabela Maria Rezende Taveira.

Histórias de mulheres que traduzem

Licya dos Santos Rios

O “V Simpósio do Laboratório de Estudos Clássicos da UFF (LEC-UFF) - Mulheres que traduzem clássicos” foi um projeto idealizado para discutir, pensar e problematizar a presença da mulher no mercado editorial brasileiro de tradução dos clássicos da Antiguidade e os recursos que essas tradutoras desenvolveram para publicar suas traduções. Para contar a minha história nesse projeto, eu devo também falar de surpresas. Entramos na Universidade com muitas certezas e convicções, e no meio do percurso é natural que algumas delas caíam por terra. No meu caso, eu só não esperava que todas elas caíssem por terra.

Entrei no curso de Letras – Português/Latim esperando estudar a história da língua portuguesa, hipótese refutada logo no primeiro semestre. Essa esperança se transferiu para a área de Linguística, mas nenhuma abordagem foi o sapato de cristal. E, quando menos esperava, achei o que não estava procurando – “serendipidade”, como Ana Maria Gonçalves traduz – e me encontrei entre a tradução, a poesia e os clássicos.

Já era orientanda de iniciação científica da professora Renata Cazarini de Freitas quando ela me convidou para organizar o “Mulheres que traduzem”, contando também com a professora de Filosofia Antiga Alice Haddad (UFF). Meu interesse em participar do projeto veio da reflexão de que os textos clássicos da Antiguidade são dominados por uma perspectiva patriarcal, branca e colonial. E, como tradutora em formação, entendo que é preponderante que haja uma maior participação de pesquisadoras na produção acadêmica desses textos sob uma perspectiva renovada.

Durante o projeto, minhas atividades se dividiram entre a leitura dos textos sugeridos pela minha orientadora, a divulgação do evento e a criação de uma identidade visual. A divulgação se deu principalmente por um website que desenvolvi para que abarcasse todas as informações do evento, incluindo a programação e, sobretudo, informações das convidadas, que, sem

hesitar, aceitaram o convite de participar dos debates e se mostraram empolgadas com o evento. Conforme o evento se aproximava, ministrei, junto a uma outra discente, o minicurso “Mulheres traduzindo clássicos”, engajando algumas discussões junto aos ouvintes que iriam ressoar no evento principal, trazendo algumas traduções nossas, nos mostrando como tradutoras e de que forma nós, mulheres, podemos ocupar esse espaço.

Chegado o dia do evento, que marcou a realização de um projeto que se estendeu por grande parte do ano, eu vi o auditório encher cada vez mais conforme o dia passava, enquanto os números na transmissão do canal do LEC-UFF no Youtube cresciam. Foram quase dez horas de diálogos e debates. As tradutoras ali presentes, de diferentes gerações, compartilharam seus depoimentos, suas dificuldades e os desafios que encontraram para serem publicadas. Algumas delas recorreram a criar editoras, outras recorreram à autopublicação e outras ainda tiveram de aderir a projetos tradutórios de casas editoriais. Estratégias de resistência e superação de uma desigualdade epistemológica.

Dessa experiência transformadora, veio o “Prêmio Josué de Castro de Extensão”, recebido em 2022. Foi gratificante não só ver a importância de um projeto de extensão do qual eu havia participado, mas também saber que foi um projeto idealizado por mulheres sobre mulheres que não se encerrou em si mesmo, que permanece se estendendo através das reflexões que suscitou. Fui duplamente transformada por esse projeto, como ouvinte e como organizadora, de tal modo que há em mim hoje um desejo pessoal de fazer parte desse grupo de tradutoras, de tomar esses clássicos da Antiguidade, de dar a minha perspectiva como mulher e como tradutora.

Licya dos Santos Rios é extensionista da ação de extensão “Mulheres que traduzem - V Simpósio do Laboratório de Estudos Clássicos da UFF”, coordenada pela professora Renata Cazarini de Freitas.

ISBN: 978-65-84927-06-3

CD



9 786584 927063

